

“Com sorte, só em 2020”

O mítico medalhista de ouro dos Jogos de 1984 diz que as chances de o Brasil ter um bom desempenho na Olimpíada de 2016, no Rio, morreram antes mesmo de nascer

Vá ao YouTube e digite “Joaquim Cruz 1984”. O que aparece é 1min43s de uma das mais extraordinárias provas de atletismo da história, o tempo que o magrelo tímido nascido em Taguatinga, na periferia do Distrito Federal, então com apenas 21 anos, levou para vencer os 800 metros nos Jogos de Los Angeles, com novo recorde olímpico. Em 1988, na mesma prova, ficaria com a prata. “Acho que meus dois filhos adolescentes, Kevin e Paulo, de 15 e 17 anos, nunca viram essas imagens”, diz Cruz. Há três décadas nos Estados Unidos, ele fala português com sotaque. Troca algumas palavras e esquece outras. Casado com uma professora americana, vive em San Diego, na Califórnia. Trabalha com equipes paraolímpicas e cuida da reabilitação de soldados feridos. Mantém a forma ao intercalar corridas de 8 quilômetros em um dia e, no outro, 3 quilômetros e musculação. Tem apenas 5 quilos mais que os 80 do apogeu. “Mas gosto mesmo é de basquete”, avisa. “Outro dia fiz 40 pontos numa partida.” Mesmo longe do país, ele ainda é uma voz influente quando se trata de medir os desmandos do esporte brasileiro — e personagem obrigatório no ensaio geral para a Olimpíada de 2016, no Rio.

Já são quase trinta anos fora do Brasil.

Por que tanto tempo? Um raciocínio interessante me vem à mente. No livro *O Poder do Mito*, o historiador americano Joseph Campbell diz que toda aventura heroica tem início com uma pessoa de quem alguma coisa foi retirada. Essa pessoa decide partir para uma série de desafios além do ordinário de modo a recuperar o que foi perdido ou descobrir o seu real propósito de vida. Somente depois de realizar essa experiência extraordinária é que ela retorna com uma mensagem. Conheço muitos brasileiros de diferentes profissões que tiveram de

“Todo mundo parece estar usando o esporte para servir a si próprio. Deixamos de investir na base e agora não temos quantidade nem qualidade”

LIBERTEZ/AGF



se arriscar no exterior porque não encontraram oportunidades no Brasil.

É o seu caso? Sim, e talvez não seja o momento de retornar com a minha mensagem. Diria, em outros termos, que a força do universo ainda não permitiu que eu voltasse para casa. Cheguei a ensaiar uma mudança para o Rio de Janeiro, no ano passado, mas ela não vingou. Quando fui para os Estados Unidos, tinha no Brasil apenas minha vida simples em Taguatinga, na periferia do Distrito Federal. Hoje, tenho mulher e filhos adolescentes. Qualquer transferência pressupõe que eles também trabalhem e estudem, sigam sua vida. Não conseguimos acertar esses detalhes, então a volta foi adiada. Mas insisto: sai do Brasil, mas o Brasil não saiu de mim, nunca.

O que as autoridades esportivas brasileiras deveriam fazer para manter atletas como você no país? Deveriam apenas fazer o correto para cuidar dos filhos da nação e do esporte a longo prazo. Eu sugeriria uma reforma geral, um leque de medidas permanentes. Em 2005, o governo do presidente Lula, por meio do ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, lançou em São Paulo a Política Nacional do Esporte, para atuar na promoção da atividade física como fator de desenvolvimento humano, dando atenção especial à base, às escolas, como ferramenta de inclusão social. As ideias são corretas, mas nunca saíram do papel. O resultado? Nossos estudantes continuam sem oportunidades de praticar esporte de maneira organizada e competitiva.

O que se faz nos Estados Unidos que inexistente no Brasil? Em primeiro lugar, há cultura e tradição no esporte. Há comprometimento e participação direta de todos os responsáveis na educação esportiva da criança. Quando digo todos, estou me referindo a governo, família, líderes comunitários, professores, dirigentes e empresários. Todos têm a oportunidade de participar e fazer a sua parte da melhor forma possível em patamares e momentos

“Para cada dólar investido na infância, o governo tem um retorno de 3,4 dólares com a redução da ida de meninos e meninas a centros de saúde, melhor qualidade de vida e progressos no rendimento escolar”

diferentes. Há outro ponto: o governo pensa longe. Em 1905, por exemplo, em decorrência de acidentes fatais durante alguns jogos de futebol americano, o presidente Theodore Roosevelt convocou duas reuniões com os líderes do esporte universitário na Casa Branca. Houve uma reforma imediata nas regras do jogo. Em 1906, foi fundada a National Collegiate Athletic Association (NCAA), destinada a gerenciar especificamente os esportes universitários. Hoje, passados 105 anos, toda a cadeia educacional acompanha o que foi imaginado no início do século passado.

É possível medir a importância da formação esportiva de base ainda na escola? Está mais do que provado que o esporte na escola dá retorno para a sociedade. Em 2004, a ONU fez um estudo em busca de uma resposta a uma pergunta crucial: o que cada governo faz com a área esportiva? No fim, computados os dados, concluiu-se que, para cada dólar investido em atividade física na infância, o governo tem um retorno de 3,4 dólares, com a redução da ida de meninos e meninas a centros de saúde, menos internações, melhor qualidade de vida e, principal-

mente, progressos no rendimento escolar. Nos países que investem em políticas públicas de esporte na escola, as reprovações baixam expressivamente. É assim em nações ricas ou pobres, não há diferença.

Há chance de despontar no Brasil, em breve, quem sabe para os Jogos de 2016, um novo Joaquim Cruz, um atleta vitorioso como você foi? Sim, embora a probabilidade seja remota. Há atletas em gestação tão promissores como Cesar Cielo, Fabiana Murer e Diego Hypolito. Mas será muito difícil para as novíssimas promessas subir ao pódio nos Jogos de 2016, é tarde demais. Se deixarmos de ser tão insanos e usarmos a criatividade, com muita sorte poderemos prepará-los para a Olimpíada de 2020.

A Olimpíada de 2016 e, antes disso, a Copa de 2014... São os dois maiores eventos globais realizados no Brasil. Passaremos constrangimento? Eles só terão sucesso se conseguirmos resgatar um legado maior para a sociedade do que a sua mera realização. Estive no Parque Olímpico em Sydney recentemente e fiquei impressionado ao ver o fluxo de turistas ainda visitando o lugar e o uso diário das instalações esportivas. Podemos dizer, hoje, que os Jogos de Sydney deram certo porque depois de dez anos as instalações esportivas ainda estão em bom estado, têm manutenção diária e são utilizadas todos os dias pelos atletas e pela comunidade. Importa o que fica, não o que passou.

Não seria o caso de antes melhorar a educação esportiva para somente depois desse passo dar outro, tão grande, que é sediar uma Olimpíada? Sem dúvida, mas na verdade pouquíssimos países seguem esse raciocínio natural. É também da nossa natureza construir um complexo esportivo com uma arena de futebol com capacidade para 100 000 torcedores no meio de um bairro residencial para depois ameaçarmos destruir o estádio de atletismo para instalar um estacionamento que

deveria estar incluído no projeto inicial. Cresci vendo cidades no Distrito Federal, com o incentivo de políticos, brotar do nada, sem hospital, escolas ou estrutura de saneamento básico. Estamos investindo pesado no esporte de alto rendimento ano após ano, mas quebrando a cabeça porque deixamos de investir na base e agora não temos quantidade nem qualidade para poder trabalhar.

O problema são os cartolas? O problema é mais profundo. A conduta de alguns dirigentes é consequência da forma como as leis foram redigidas. Se os dirigentes estão utilizando as organizações nacionais para servir a seus interesses pessoais, é obrigação das autoridades máximas revisar a legislação com profundidade, e alterá-la. O sentimento é que todo mundo parece estar usando o esporte para servir a si próprio.

Na Rio 2016, temos uma inédita situação: o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro é o mesmo do Comitê Organizador. Está certo? O Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro está no esporte há muito tempo e deve ter as razões dele para encarar tantos desafios e responsabilidades ao mesmo tempo.

Sua medalha de ouro olímpica foi conquistada há quase 27 anos. O Brasil esportivo melhorou de lá para cá? Melhorou muito no aspecto de patrocinadores, instalações esportivas, eventos internacionais e oportunidades para os atletas brasileiros, mas infelizmente os resultados obtidos nos últimos anos não refletem o investimento no esporte.

Não é vergonhoso que tenha melhorado tão pouco? Diria que é uma grande pena não aproveitar o nosso material humano para transformar o Brasil numa potência esportiva.

Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central, acaba de ser nomeado pela presidente Dilma Rousseff para a presidência da Autoridade Pública Olímpica (APO). É uma boa notícia? Ex-

“Quando cheguei com a bolsa cheia de tênis semiusados e expliquei que eram para ser doados a crianças pobres de Taguatinga, um dos policiais me pôs na mesma classe dos ‘contadores de histórias furadas’”

celente. O currículo e o trabalho dele mostram que é uma pessoa ética e séria. Ele não porá seus interesses e ambições pessoais acima do trabalho que terá de fazer.

Seu contato com o Brasil, além da família, é um instituto dedicado a crianças carentes. Há alguns anos, porém, um lote de sapatilhas usadas que você levaria aos meninos e meninas necessitados foi barrado na alfândega. Por que é tão difícil querer ajudar? Às vezes perdemos o senso de servidor público porque achamos que todo mundo está ali só para tirar vantagem. Pagamos caro pela falta de honestidade de alguns oportunistas. Quando cheguei com a bolsa cheia de tênis semiusados e expliquei que eram para ser doados aos meus garotos de Taguatinga, um dos policiais me pôs na mesma classe dos “contadores de histórias furadas”. Hoje, felizmente, o Instituto Joaquim Cruz tem a parceria da Nike e não há mais necessidade de trazer os calçados dos Estados Unidos.

Uma de suas principais atividades nos Estados Unidos, hoje, é cuidar da reabilitação de soldados feridos em guerras, amputados. Qual é a emoção

proporcionada por esse tipo de trabalho? Trabalhar com soldados, muitos deles amputados, é gratificante. Tenho a oportunidade de conviver com indivíduos jovens que dedicaram sua vida a algo maior que eles próprios e retomaram como heróis nacionais. As histórias deles me sensibilizam e mantêm meus pés no chão.

Quem foi — ou é — o maior esportista da história do Brasil? Ayrton Senna foi um grande competidor. Dedicou sua curta existência a desafiar os limites, todos. Foi um atleta-modelo dentro e fora do palco de competições. Hoje celebramos o sacrifício dele nos projetos sociais que estão espalhados pelo Brasil.

Houve alguém que tinha tudo para ser um gigante, um monstro sagrado, mas não conseguiu chegar lá? João do Pulo tinha potencial para ser o Jesse Owens do Brasil. Não conseguiu o ouro olímpico, e é uma pena que tenha morrido tão cedo, depois de uma vida trágica.

Ao falar da ansiedade que antecede uma grande competição, você chegou a dizer: “Se você não se controlar, não consegue dormir, e, se não dormir, está morto como competidor”. Como dorme um ex-campeão olímpico longe do tempo de fama? Até pouco tempo atrás, eu ainda tinha sonhos de chegar atrasado para as competições nas Olimpíadas. Hoje meus dragões internos estão em paz. As imagens da minha experiência no esporte como atleta estão se distanciando na minha mente. Agora elas são preenchidas com as imagens dos meus filhos e as novas oportunidades de trabalho. Meus dois filhos, de 15 e 17 anos, mal sabem quem fui no atletismo. Gostam de basquete. Gostam de música, tocam piano. Posso dizer que, levados a falar de esporte, roubaram minha ideia: nunca escondi que sempre preferi o basquete ao atletismo, e olhe que fui um excelente jogador antes de começar a correr. Não gosto de me vangloriar, eu e minha mulher levamos uma vida extremamente simples, então sigamos em frente. ■